

Correntes de Umbanda. Uma conversa de Moussa Kone com Iya Habiba de Oxum

27. November 2020, Moussa Kone und Iya Habiba Kreszmeier

Esta entrevista foi originalmente publicada em Janeiro de 2017 no blog *Orisha Image* de Moussa Kone.

Fotos: Alabe Cito Hufenus, Tradução: Edite do Carmo, Edição: Dorothea Kurteu



Iyá Habiba, a Umbanda é uma prática espiritual relativamente jovem, que foi fundada há cerca de 100 anos por Zélio Fernandino de Moraes no sudoeste do Brasil. A opinião geral é que se trata de uma mistura de crenças africanas, europeias e indígenas brasileiras. Você pode nos dizer algo sobre a Umbanda?

Mais devagar, mais devagar! Antes de contar-lhes meus pensamentos sobre a história da Umbanda, quero lembrar-lhes que cada história, cada formação de história e de identidade é sempre apenas uma consideração ou apenas um trecho da verdadeira amplitude da vida. Esta consideração define começos, influências, contextos - explica o mundo e cria realidades. Isto se aplica tanto a indivíduos, como a povos e religiões. A tendência de considerar esse trecho particular como a verdade válida e única história é grande e sedutora. Infelizmente, também é muitas vezes prejudicial. Ocorre-me sobre esse assunto o escritor nigeriano Chimamanda Ngozi Adichie, que na sua palestra TED „O Perigo de uma única história“ se refere ao perigo da história do „um“.

Portanto, quero lembrar que há sempre histórias diferentes para contar sobre qualquer fato e também formas diferentes de formar a história. Isso também se aplica aqui à Umbanda, ou melhor ainda às muitas Umbandas. Mas o que elas têm em comum em toda sua diversidade é sua capacidade de integração e adaptação, pluralidade e formas descentralizadas de auto-organização.

E dentro destas Umbandas há um grupo que remonta sua fundação a Zélio Fernandino de Moraes e seu Caboclo Sete Encruzilhada. Estas são as correntes das umbandas, que derivam de um campo claramente cristão e/ou espiritualista e que subordinam seu "trabalho mediúnico" a princípios caritativos e morais. Aqui os seres espirituais, as chamadas entidades, muitas vezes entendidas como almas ancestrais, manifestam-se a fim de fazer o bem para o mundo e assim contribuir tanto para o seu próprio desenvolvimento quanto para o desenvolvimento da humanidade.

Como um interessante fenômeno psicológico, sociológico e religioso, pode-se perceber aqui que nestas Tendões ou Templos em rápido crescimento e diversificação, são exatamente as "almas" que sofreram opressão e foram marginalizadas na realidade social do Brasil que ganham poder e posição ao serem manifestadas. Aqui na linha de frente estão Índios, Caboclos, Africanos e Pretos Velhos. E embora esta Umbandas fosse inicialmente praticada principalmente pela classe média branca em crescimento nas cidades, ela estava sujeita à repressão religiosa, o que nos anos 50 levou a uma "desafricanização" em favor de influências cardecistas e espiritualistas no movimento. Até hoje, e mais uma vez, sob a influência indireta das Igrejas Pentecostais e Livres, há Umbandas que querem se ver como brancos e puros, e para quem a presença do africano é incômoda e desconfortável.

Mas existem outras Umbandas?

Além dessas correntes, há as Umbandas que, consciente e intensivamente, voltam sua atenção para o multiculturalismo e a integração criativa de todas as tradições espirituais deste mundo. Aqui encontramos entidades européias, africanas e indianas, mestres do Oriente, elementos do budismo e do hinduísmo, Yoga e Tao, mas também conceitos gerais esotéricos e energéticos ou orientações xamânicas. Dependendo da competência e da inclinação da comunidade e de sua liderança, os rituais são organizados aqui sob a primazia do amor e da paz unificadora do mundo e principalmente de um Deus monoteísta e transcendente. Estas Umbandas enfatizam o caráter sincretista, misturando e combinando generosamente divindades, princípios e santos.

E finalmente, há também algumas umbandas que se referem à historicidade e às raízes africanas em sua identidade. Elas entendem e praticam a Umbanda como uma religiosidade que segue basicamente as estruturas Bantu, assim como o Candomblé deriva sua identidade principalmente da cultura dos Iorubás e do Ewe/Fon. Nesta perspectiva, a fundação ou mais precisamente o surgimento da Umbanda pode ser descrito de forma semelhante ao surgimento do Candomblé no Brasil ou de outras religiões afro no Caribe: como um fenômeno sociológico da religião que se desenvolveu sob condições históricas e políticas determinantes. Uma de suas características foi e ainda é a incorporação no transe das forças naturais e ancestrais, que ocorre a serviço da cura e do direcionamento para a comunidade, e um sentido da vida e do mundo, que vê o ser humano integrado em um mundo natural vivo, com o qual a comunicação se dá essencialmente através de rituais, danças, ofertas de sacrifício e naturalmente o transe.



No âmbito destas três categorias, há muito mais camadas na Umbanda do que eu pensava! A umbanda já existia em tempos de escravidão?

Isto pode ser assumido com grande certeza. Um breve lembrete histórico: durante os primeiros 250 anos da colonização brasileira, foram principalmente os povos Bantu que foram levados como escravos para o Brasil. Somente no final do século XVIII, numerosos povos da África Ocidental atravessaram o Atlântico. Entre eles, a tradição dos iorubás, a sua língua e religião, teve uma influência decisiva. A cultura iorubá pode ser considerada como um componente sincretista essencial da Umbanda, e outros juntaram-se a ela mais tarde.

Assim, quando me perguntam sobre a história da Umbanda, minha história começa com a riqueza espiritual do povo Bantu que veio de Angola e do Congo nos primeiros anos. O fato de a história não ser relatada com esse componente, se deve à tradição oral que está na base destas tradições. A tradição oral não oferece nenhuma prova, nenhum documento, e certamente não tem nenhum lobby que pudesse defender e recuperar posteriormente os valores desses povos, pelo contrário. Isso leva a uma narrativa questionável que dissipa e reprime 350 anos de história.

Eu, por exemplo, sinto que pertencço a essa Umbanda que provavelmente começou já no século 16 e estou satisfeita que mais e mais antropólogos, eruditos religiosos e outros formadores de opinião ou praticantes estão assumindo essa perspectiva. Sim, e também que em muitos terreiros e templos no Brasil está sendo criada uma memória que dá ao patrimônio africano um lugar digno e apropriado dentro da Umbanda.

Quais são os princípios religiosos, os fundamentos espirituais da umbanda?

Tudo o que eu digo agora se refere a essa Umbanda que reconheço e pratico.

O ponto central é a cosmologia de um mundo anímico, no qual planos invisíveis e visíveis, forças materiais e espirituais, coisas profanas e sagradas se influenciam mutuamente e estão em troca e movimento constantes uns com os outros. O homem procura e encontra nele seu lugar e seu destino - cultivando o contato com as dimensões invisíveis e visíveis do mundo: através de rituais em comunidade, ritmo, dança, a manutenção e cuidado de lugares santos (santuários) e honrando dois grandes princípios: A natureza, seus espaços e elementos e o mundo ancestral.

Essa Umbanda pressupõe que para cada pessoa existe uma entidade espiritual que nos acompanha e está familiarizada com as determinações do destino. O cultivo destas entidades, aqui chamadas Caboclo, Pretos Velhos etc., pertence à iniciação da Umbanda. Eles assumem tarefas de cura e divinatórias em rituais de incorporação de cunho público ou reservado.

Com a influência da religião iorubá - os Ifa, os Orishas e seus Xires - a cosmologia da Umbanda recebeu uma estrutura em expansão de significado e sabedoria. A magia curativa foi unida aqui com a magia do templo, o alinhamento curativo foi unido à honra sacerdotal dos poderes sagrados, e o poder curativo auxiliar, entidade, foi unido a um poder de destino significativo: Orisha.



Você adora diferentes Orishas (Orixá escritos no Brasil) e diferentes espíritos, como os relativamente bem conhecidos Caboclos, espíritos de nativos brasileiros falecidos. Como eles se relacionam entre si e que tipos de espíritos existem?

O cultivo das forças espirituais da natureza é o elemento central. Os chamados caboclos podem ser entendidos como *donos da terra* ou como uma referência ancestral relacionada ao local e ao espaço. Eles representam os poderes sagrados da terra. Originalmente eles podem ter sido um elemento completamente separado dos cultos Bantu, depois por muito tempo assim como o índio brasileiro, representavam o ancestral local por excelência. Hoje

eles são vistos como uma espécie de poderes de ajuda dessas divindades devido à influência, à incrustação e sobreposição dos Orishas, em alguns lugares até mesmo como uma expressão dos Orishas Onilé.

Ao lado dos Caboclos, os Pretos Velhos ocupam um lugar importante como um elemento dos antepassados. Em nossa casa eles não se mostram como avós falecidos, mas como sabedoria dessa longa história da humanidade, que nos aponta - não importa onde no mundo - para a África. Eles se mostram curadores, confortadores, aconselhadores, apontam para contextos maiores e trabalham em e com a magia dos Orishas e sua abordagem divinatória.

Estas duas "linhas" também são incorporadas em rituais públicos, as chamadas Giras, que acontecem regularmente e estão disponíveis para as necessidades dos visitantes. Além disso, existem dois campos de entidades, os Marinheiros, Marinheiras, assim como o Exus e Pombajiras, que são importantes para questões de iniciação e rituais da casa.

Estes espíritos mentores-ajudantes são inseridos no círculo dos Orixás, que são cultivados em iniciações individuais e festas do terreiro.

Você pode nos dizer mais sobre a Orisha Onilé? Penso que você quer dizer "o dono da terra"?

Sim, estou me referindo a esta força, mas eu a definiria mais como a força guardiã do que como a força dona da terra. Com isso, pode-se entender como um Orishá agindo por toda a face da Terra, mas também como aquele que vive em um espaço terrestre específico. Para aqueles de nós que agora cultivam Orishas em solo europeu, Onilé é particularmente importante como uma força de conexão.

Mas Onilé também tem um significado social geral: o etnólogo Prandi formula a tese perspicaz de que o crescente retorno à dimensão natural dos Orishas, que pode ser visto em muitos terreiros no Brasil, deve ser visto como um movimento contra à exploração de nossos recursos terrestres e nosso afastamento do ambiente natural. E ao mesmo tempo como uma lembrança de Onilé, que, a propósito, é reverenciada no Brasil como uma divindade feminina.

Os próprios Orishas não são incorporados pelos iniciados na prática da Umbanda? Este é um dos diferentes tipos de espíritos que podem ter relações próximas com um determinado Orishas e seu Axé?

Também na Umbanda os Orixás podem se manifestar diretamente nos iniciados e muitas vezes também nos não iniciados ;-). Então é necessário ver qual o lugar, qual a iniciação que faz sentido. Em nosso terreiro, entretanto, geralmente ocorre primeiro uma incorporação de entidades, que depois é consolidada e desenvolvida através do caminho espiritual, e só depois os Orixás são chamados e cultivados. Mas como o mundo espiritual muitas vezes não se comunica em nossa ordem ou tempo presumido, felizmente há muitas exceções a esta regra.



Foto: Thomas Kern/swissinfo.ch

Como foi determinado que você deveria ser iniciada em Oshun? Por adivinhação, como o 'jogo de búzios' (Yor. èrindínlógún)?

Acontece repetidamente que uma entidade do Pai de Santo com Búzios determine o Orixá de um Filho, mas as observações de dança, caminho de vida e "constelação" espiritual sempre são essenciais. A definição do "meu" Orixá Oxum ocorreu no âmbito de um retiro projetado para este fim.

O "jogo de búzios" tende a ser menos representado nas umbandas. Aqui, a informação que se apresenta no terreiro através da incorporação das entidades tem um papel maior.

Seu nome de iniciação é iyá (Yorùbá para mãe), o nome de sua casa é Ilé àṣẹ̀ Ọ̀ṣun, (casa sob a autoridade de Oshun) e você cultiva os Orishas. A influência do Yorùbá é geralmente forte no Brasil, especialmente no Candomblé do Ketú ou Nagô. Qual é a diferença entre os Orixás da Umbanda e os Orixás do Candomblé?

Até onde posso ver no vasto campo das religiões Orisha, sua grande contribuição para o mundo é permitir e cultivar o pluralismo e a diversidade.

Assim, uma linha clara entre Umbanda e Candomblé é dificilmente perceptível no Brasil, ao mesmo tempo em que as diferenças dentro das umbandas e do Candomblé são grandes. O que eu quero dizer é que os conceitos, cultivo, rituais e iniciações dos Orixás variam de casa para casa: Alguns enfatizam mais a dança e o rigor dos sacrifícios, outros as mitologias, a incorporação no Ifá, alguns enfatizam a presença natural, e outros enfatizam mais os aspectos antropomórficos dos Orishas. Esta é a bela variedade deste mundo espiritual!

O que certamente faz diferença, entretanto, é que as Umbandas concentram uma boa parte de sua atenção e rituais em entidades de cultivo, o que significa que a presença e

ritualização de Orishas tem menos espaço, é menos elaborada ritualmente e possivelmente menos vinculada. É geralmente conhecido que as umbandas não realizam sacrifícios de animais. Muitos Candombles seguem um "calendário de festivais" fixo onde celebram rituais para os Orixás ligados à casa, e complementam suas atividades com as iniciações de laôs ou outras atividades ligadas aos "Búzios". Portanto, vejo mais diferenças estruturais do que essenciais relativamente aos Orixás.

Em minha casa, também, a incorporação de entidades forma a base da iniciação, incluindo os rituais de Gira regulares. O Terreiro organiza festivais de Orixá uma ou duas vezes por ano e chama os Filhos para as chamadas Iniciações de Feitura, ou seja, os rituais nos quais os Filhos recebem seus Orixás. Tudo isso junto é um calendário de tarefas rituais bastante denso.

Com quais Orishas você trabalha em seu Ilê Axé Oxum? Quando eu assistia a um ritual, ouvia canções para Osanyin, Oshun e Obatala, até onde me lembro.

Trabalhamos com 17 Orixás entre eles Oxum, Oxala, Xango e Iroco/Tempo são considerados como as forças centrais. Dentro das Giras, porém, são cantadas aquelas forças que são importantes para o respectivo trabalho e necessidades do momento ritual ou as que se manifestam espontaneamente.

Para as pessoas que nunca estiveram em uma "gira" - você pode descrever brevemente o que acontece durante um dos rituais públicos?

O chamado ritual-Gira é realizado por um círculo iniciado. Através de atabaques e canções e de uma sequência ritual, o espaço é equilibrado e a incorporação de entidades é solicitada. Estas entidades estão então disponíveis aos hóspedes e suas necessidades: limpeza espiritual, rituais de dedução e proteção, recomendações divinatórias entre outros pode acontecer. Os convidados vêm com várias questões de vida, saúde, família, direcionamento ou com a busca de orientação espiritual. A Gira é também o lugar da prática iniciática dos Filhos de Santo, que é como os adeptos são chamados nos terreiros. Eles aprendem sobre o ritual, podem incorporar suas entidades e também aprofundar o seu relacionamento com elas.

Você trouxe a tradição umbanda brasileira para a Europa, que pode ser chamada a segunda diáspora das práticas derivadas da África. Como é a prática da tradição aplicada a este ambiente diferente, que mudanças você já experimentou ou teve que fazer?

Isto pode parecer surpreendente, mas o que realmente faz a diferença é o clima e nossas condições climáticas. O ritmo das estações e especialmente o longo inverno tornam necessários ajustes nos rituais e alguns processos de iniciação dificilmente são possíveis com temperaturas negativas ou têm que ser mudados para salas fechadas e aquecidas. Isto cria diferentes atmosferas espirituais.

No início você mencionou que algumas práticas da Umbanda não querem lidar muito com as tradições africanas, você até considerou que elas se julgam "brancas e puras". Para mim isto me parece completamente ridículo, porque expressões culturais africanas como batuque, dança ou incorporações são tão óbvias, e no contexto colonial brasileiro isto é simplesmente racismo.

Sim, é, pode ser entendida como uma forma de racismo vivida no Brasil (e não só lá!). Atualmente, no entanto, pode-se falar de uma nova cultura de evocação em relação às raízes africanas e seus bens culturais. Aqui as forças parecem se mostrar de novo e tomar seu lugar. O quanto eles podem suportar a expansão agressiva dos movimentos políticos e evangélicos atuais ainda está por ser visto.

Pergunto-me se, nestas condições, esta "segunda diáspora dos Orishas", como lhes chamou, ou seja, o seu movimento para a Europa, é também uma migração significativa, mesmo necessária? Talvez ajude a trazer o poder e a sabedoria de todas as tradições Orisha, incluindo a Umbanda, para um novo espaço, onde possa ser protegida, e ser eficaz e renovada.

Sim, que contribua para a riqueza espiritual e a saúde do planeta - axé! Muito obrigado



Prandi Reginaldo, *Segrados Guardados - Orixás na alma brasileira*, companhia das letras, 2005 Sao Paulo

Assmann/Strohm; *Magie und Religion*, Finkverlag, 2010

Inga Scharf da Silva: *Umbanda. Eine Religion zwischen Candomblé und Kardezismus. Über Synkretismus im städtischen Alltag Brasiliens*. Spektrum 83. Lit Verlag, Münster 2004

[The danger of a single story](#), Chimamanda Ngozi Adichie, TED Global 2009 (Video Englisch mit deutschen Untertiteln, 18.30 Min)

History of American Slavery, [The Atlantic Slave trade in 2 Minutes](#), Animierte interaktive Karte von Andrew Kahn